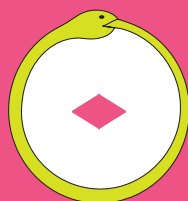
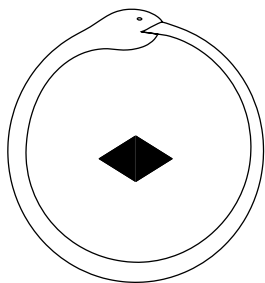




A SERPENTE E A CANOA
Flecha 1



cadernos
SELVAGEM



A SERPENTE E A CANOA flecha 1

Elaboramos a FLECHA SELVAGEM mirando a coexistência de saberes ancestrais, científicos, artísticos e mitológicos.

É o nosso projeto para adiar o fim do mundo com belas palavras.

Uma ideia original do Ailton Krenak, almejando que toda a atmosfera que envolve o Selvagem possa alcançar mais corações pulsantes. É ele quem narra o texto que escrevi ou costurei a partir de suas falas e de outros textos. São palavras e ideias que buscaram imagens para se compor e encontraram na trilha de Lucas Santtana e Gil Monte a ambiência para existir e de onde se arremessar.

A serpente e a canoa é a primeira flecha. Reúne principalmente nossas leituras dos livros *Antes o mundo não existia*, mitologia do povo Desana narrada por Umusi Pãrõkumu e Torãmũ Kēhíri, e a *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber*, de Jeremy Narby, que foi consultor do roteiro.

As flechas são produzidas a partir de imagens de diversas fontes e acervos. Chamamos nosso processo de pesquisa iconográfica de “compostagem de imagens”. Acreditamos que o mundo já tem muita informação e precisamos apreciá-las antes de consumir e gerar mais.

A flecha que foi esticada para trás e desprende-se do arco, é feita de resistência, tensão, flexibilidade, presença de espírito e amor.

O QUE PROPULSIONA A FLECHA?

As sabedorias dos povos ameríndios, usualmente, são reduzidas no campo pedagógico a uma condição folclórica. O mesmo ocorre com as culturas afro-brasileiras.

Dessa forma, a cultura ocidental, da qual brasileiros e brasileiras são filhos e filhas bastardas, mantém-se soberana frente ao pluriversalismo do conhecimento originário e tradicional.

Além disso, e com certeza ainda mais grave, é o fato de que as culturas tradicionais, além de não respeitadas, são fortemente atacadas pelo sistema monocultural, que afronta também as esferas ambientais, sociais, psicológicas, econômicas e sagradas.

Selvagem é uma experiência cognitiva, para que sejam criadas outras perguntas e, principalmente, para a escuta das narrativas pluriversais de diversas tradições.

Nesse aspecto, convocamos também as perspectivas da ciência e da arte para compor uma roda de troca de saberes.

Vivemos um tempo de saturação do sistema da monocultura, e é por isso que o Selvagem se constitui como um ciclo de estudos sobre a vida. Porque é urgente e necessário ampliar nossa capacidade de respiração, a área de oxigenação para a diversidade.

UMA CANOA COBRA

Este caderno é um mapa de viagem para a flecha *A serpente e a canoa*.

É o roteiro, a pesquisa, a fonte de algumas informações e o espaço para criarmos perguntas que nos levem além da caixa que perpetua a perspectiva do conhecimento ocidental.

Como Jeremy Narby disse: “As duas histórias pareciam apontar na mesma direção... A partir de agora, sempre que eu ouvir sobre o *big bang*, pensarei na avó fumando tabaco no escuro e pensando em criar o mundo. E vou pensar na canoa cósmica da serpente lançando humanos-peixes pela paisagem.” (*O primeiro ciclo Selvagem*, Cadernos Selvagem, 2020).

Jaime Diakara também nos fala dessa travessia no caderno *Rio de Janeiro, o Lago de Leite*. Da concepção ao nascimento, todo ser vivo é uma canoa, a vida é transformação.

Os óvulos que nos geram são feitos dentro de nossas avós, assim como as mitocôndrias, organelas encontradas em quase todas as células, conhecidas como a “casa de força” dos organismos, são transmitidas por nossas mães.



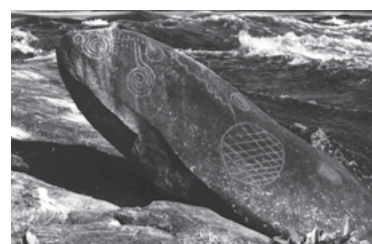
A flecha começa com um resumo das primeiras páginas deste livro sobre a mitologia Desana, narrada por **Umusi Pãrõkumu** e **Torãmũ Kẽhĩri**, pai e filho, respectivamente.

Eles registraram seus mitos de origem diante da possibilidade da memória se perder. Em 1978, durante uma viagem ao rio Negro para pesquisar trançados de palha, a antropóloga Berta Ribeiro teve notícia desses registros e colaborou para que **Umusi** e **Torãmũ** publicassem o livro. A primeira edição é de 1980. A segunda de 1995, e a Dantes Editora fez a atual edição junto com **Torãmũ Kẽhĩri**, que traz novos desenhos e texto. revisto pelo autor.

O povo Desana se autodenomina **Ûmũkomahsã**, "Gente do Universo".

A leitura deste trecho, na Flecha, é feita pela artista Daiara Tukano.

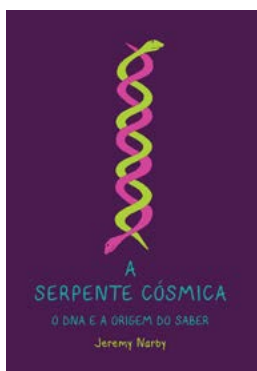
Daiara é do povo Tukano, que compartilha a história da canoa da transformação com os Desana, os Baniwa e outros povos rio-negrinos.



Torãmũ Kẽhĩri, autor do livro com seu pai, é também criador dos desenhos que ilustram o texto. Seu nome em português é Luiz Gomes Lana.

No povo Desana, **Torãmũ** e seu pai são da linhagem dos **Kẽhĩripõrã** ou "Filhos (dos Desenhos) do Sonho". **Torãmũ** vive no rio Tiquié, Alto Rio Negro, no estado do Amazonas. A história narrada tem vestígios em petroglifos, desenhos gravados em pedras, nos rios Negro, Aiari, Içana, Caiari-Uapés e outros da região.





Em 1985, Jeremy Narby pesquisava o uso de plantas medicinais na floresta amazônica peruana junto aos Ashaninka. Seu objetivo era mostrar que as áreas da floresta habitadas por povos indígenas têm o nível de utilização equilibrado, e o que parecia uma área inabitada, por exemplo, era uma farmácia.

O percurso de sua pesquisa, entretanto, levou-o para outra direção.

Ao observar que “as hortas indígenas são obras de arte da policultura, reunindo plantas diferentes misturadas de forma aparentemente caótica, mas nunca pueril”, perguntou aos Ashaninka como haviam aprendido tudo aquilo. Ruperto Gomez, um deles que vivera entre os Shipibo, disse que, para entender o que o interessava, seria preciso beber ayahuasca.

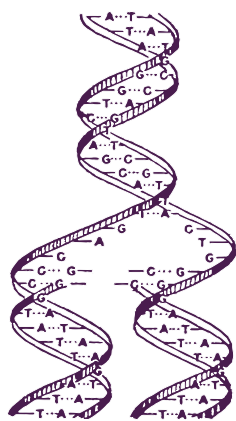
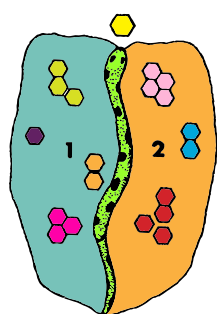
A partir dessa experiência, Jeremy Narby inicia sua pesquisa e elabora uma hipótese que associa a dupla hélice do DNA à FORMA de duas serpentes entrelaçadas, presente tanto em mirações sob efeito da ayahuasca, como em diversos mitos de origem.

Em um texto de Gerardo Reichel-Dolmatoff sobre as crenças cosmológicas do povo Desana, Jeremy se depara com um desenho mostrando duas cobras entrelaçadas na fissura dos hemisférios. Ao final dessa leitura, defronta-se com a seguinte frase: “os Desana dizem que no início dos tempos os seus antepassados chegaram em canoas com formas de enormes serpentes”.

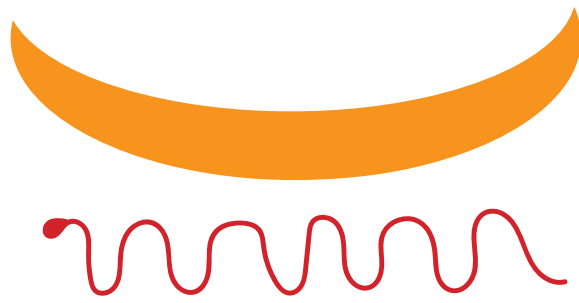
As correspondências entre as narrativas tradicionais e científicas emergem a partir daí com mais profusão.

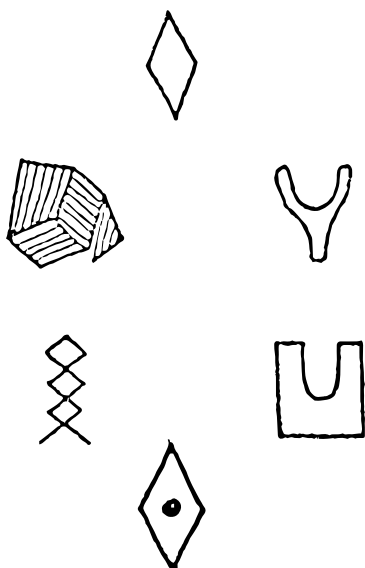
Francis Crick, ganhador do Nobel pela descoberta da estrutura do DNA e um dos expoentes do racionalismo do século XX, sugere no livro *A própria vida, sua origem e natureza* que a molécula da vida tem origem extraterrestre. É a panspermia dirigida. Para Crick, seria bastante reduzida a probabilidade de uma única proteína (capaz de participar da construção da primeira molécula de DNA) ter emergido ao acaso de uma sopa primordial.

“A distância que separa a biologia molecular do xamanismo e da mitologia é, na verdade, uma ilusão de ótica gerada justamente por esse olhar que aprioristicamente separa as coisas.”, diz Jeremy Narby.



Vamos embarcar?





Esses são desenhos, sem registro de autores, realizados por representantes do povo Tukano para um estudo do antropólogo Reichell-Dolmatof. No caderno *Selvagem* de Berta Ribeiro, encontra-se a série completa destes desenhos e seus significados.



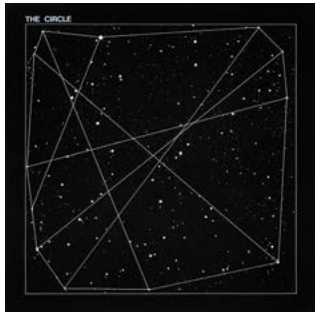
SOL LEWITT, *Untitled*, da série *Six Geometric Figures, Superimposed in Pairs*, 1977.
[MoMA](https://www.moma.org)

Antes o mundo não existia.

A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão.

Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto. Esse quarto chama-se *Uhtãboho taribu*, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava *Yebá Buró*, a “Avó do Mundo”, ou também “Avó da Terra”.

Havia coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro de tabaco, uma cuia de ipadu, o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre essas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada”.



ANTONIO DIAS, *The Circle*, 1971.



ANNA MARIA MAIOLINO,
Mais Buracos da série Desenhos Objetos, 1975.

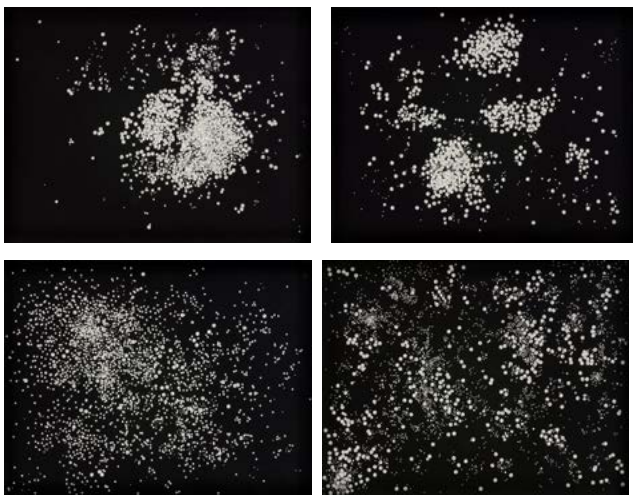
Foto: Sérgio Gonzaga

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo.

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento.

A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda luz.

Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de *Umuko wi*, “Maloca do Universo”.

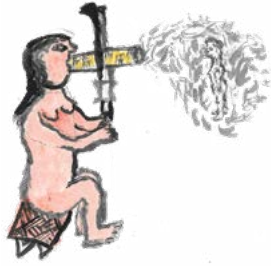


RIVANE NEUENSCHWANDER;
One Thousand and One Possible Nights,
Dezembro, 2008.

[Stephen Friedman Gallery, London](#)

Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo

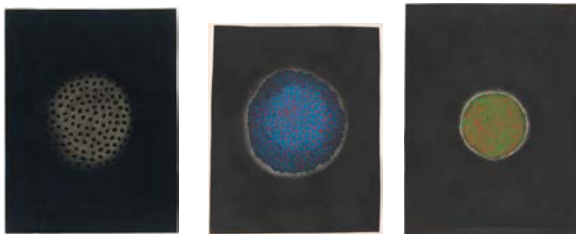
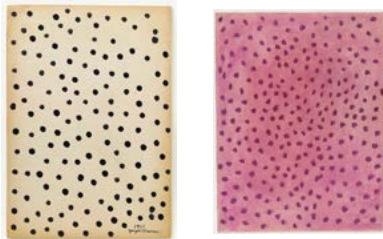
Tanya Bonakdar Gallery, NY



desenho de Torāmã Kēhíri



NASA, ESA, F. Summers, J. DePasquale,
G. Bacon, and Z. Levay (STScI);
[A flight through the CANDELS.](#)



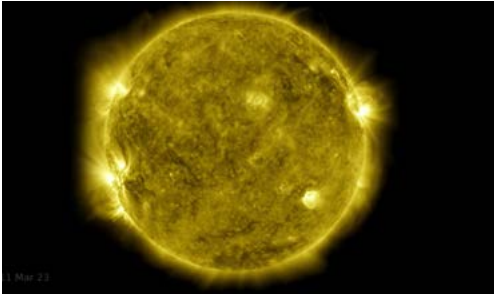
YAYOI KUSAMA,
Accumulation, 1952.
Untitled, 1952.
Untitled, 1952.
Flower, 1953 and (1963).
No. 19 H.S.W., 1956.

[MoMA](#)

Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande Maloca do Universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar tabaco. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os “Avós do Mundo” (Umukoñehkūsuma). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto Uhtābohowerimahsã, quer dizer, os “Homens de Quartzo Branco”, porque eles são eternos, eles não são como nós.

“Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”. Eles responderam que assim o fariam. Mas nada fizeram!

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou ipadu, fumou tabaco e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. Ele era “deus da Terra (ou do Mundo)”. De lá mesmo, do Quarto de Quartzo Branco, onde havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial, e o fez subir até o cume do Pico do Mundo. Era a força dele que subia. A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando com diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando.



NASA's Goddard Space Flight Center/SDO, [A Decade of Sun](#); Scott Wiessinger (USRA):



NASA, *Andromeda Galaxy (M31)*



Via Láctea,
[NASA/JPL-Caltech](#)



desenho de Torãmũ Kēhíri

Conta Alvaro Tukano, em seu livro *O MUNDO TUKANO ANTES DOS BRANCOS*, que a canoa cobra desembocou no Lago do Leite, onde é a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. O caderno *Selvagem* [Rio de Janeiro, o Lago de Leite](#), também traz essa narrativa.

Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era o Sol, que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol.

Depois o Deus da Terra subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado “Lago de Leite”, que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jiboia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com a proa de uma canoa, era a “Canoa de Transformação”, a canoa cobra.



Uma canoa cobra extreterrestre chegou a Terra.

Inner Life of the Cell: Mitochondria animation
conception and scientific content,
de Alain Viel and Robert A. Lue.
Animação de John Liebler/XVIVO.
[Biovisions at Harvard University](#)



Para os povos do rio Negro, narradores dessa memória sobre a origem da vida, a cobra canoa entrou pelas águas, navegou por mares e rios, tripulada por gente-peixe, liderada pelo Deus da Terra.

A cobra canoa veio de algum lugar desconhecido para um lugar que nem existia.

LEANDRO KATZ, *A Canoe Trip*, 1970/2016.
The Getty Research Institute Collection.



ANTONIO GUILLENO, [Proyecto Agua](#), 2009.

Foi uma longa viagem dentro dessa canoa, que tinha a forma de uma cobra para navegar.



HHMI BioInteractive,
[Human Embryonic Development](#).

A tripulação gente-peixe passou séculos vivendo dentro dessa canoa, como um mundo à parte.



Frogs | *The Secret Life of the Shannon*.
[RTE Goes Wild](#) / RTE Television Archives

Um dia eles despertaram com uma enorme parede de gelo, que, para ser atravessada...



GERMANO WOEHL JUNIOR,
[Girinos de sapo-cururu](#).
Instituto Rã-bugio para Conservação da
Biodiversidade



Frog hitches a ride on the back of a python to bring joy to 2020 (O sapo pega uma carona nas costas de uma jiboia para trazer alegria para 2020), [Newsflare](#).



JAIDER ESBELL, *Entidades*, 2020 – Video
Área de Serviço – [CURA 2020](#)
Belo Horizonte, 2020.

...precisou do conhecimento mágico, de um bastão mágico, de cantos mágicos.

Foi a Avó do Mundo, **Yebá Buró**, quem ensinou essas coisas ao Deus da Terra.

Na ciência ocidental dá-se o nome de panspermia à teoria que considera que a vida chegou à Terra, ou se valeu de substâncias cósmicas para se formar aqui.

A geração espontânea, a teoria de que a vida surge a partir de matéria não viva, como muita gente aprende na escola, não acontece, pois a vida surge sempre da vida.

No entanto, é assim que a maioria dos relatos científicos descreve o surgimento da vida no planeta. Há 3 bilhões de anos existiram condições na Terra para ocorrer a geração espontânea. Isso nunca mais aconteceu, pois, se acontecesse teríamos inúmeras origens da vida.

Muitos povos de tradição oral guardam a memória do surgimento da vida passando de geração em geração. Outras narrativas embarcam nessa memória contada de uma pessoa para outra. O conhecimento é transmitido, não só em contações de histórias, mas em cantos, saberes de tecelagem, cestaria, construção, cura e muito mais. São cosmovisões de povos que não se esqueceram de onde vieram.



TARSILA DO AMARAL,
Ovo de Urutu, 1928.

O Deus da Terra tocou com o bastão a parede, e ela se quebrou. Ele precisou usar todo o seu conhecimento para romper a parede.



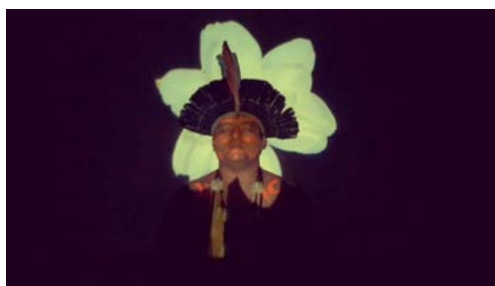
AXS Biomedical Animation Studio, Poultry
Hub Australia,
Chicken Embryo Development, 2013.
(Desenvolvimento do Embrião de Frango)

Quando a parede de gelo se quebrou surgiram o céu azul, os mares, e a navegação continuou até o mundo que hoje habitamos. Atravessar a parede de gelo foi a transformação.



ELISA MENDES, *Coração das águas*, 2018.
Aldeia Ni Yuxibu (Altamira),
rio Tarauacá, Acre.

Depois de muito tempo a bordo da canoa cobra, gente-peixe foi desembarcando e transformando-se nos povos e clãs que habitam a Terra.



DENILSON BANIWA,
O sol nascerá, 2020.



[TAS visuals](#),
Serpents ayahuasca (shipibo patterns),

Uma serpente cósmica trouxe a vida para a Terra.

Foi o transporte de informações, instruções para a própria travessia e para as transformações que viriam no percurso.



JONATHAS DE ANDRADE,
[O peixe](#), 2016.

Como, por exemplo, gente-peixe virar gente-humana ou gente-peixe gostar de ser gente-peixe. Isso tudo leva muito tempo para acontecer.



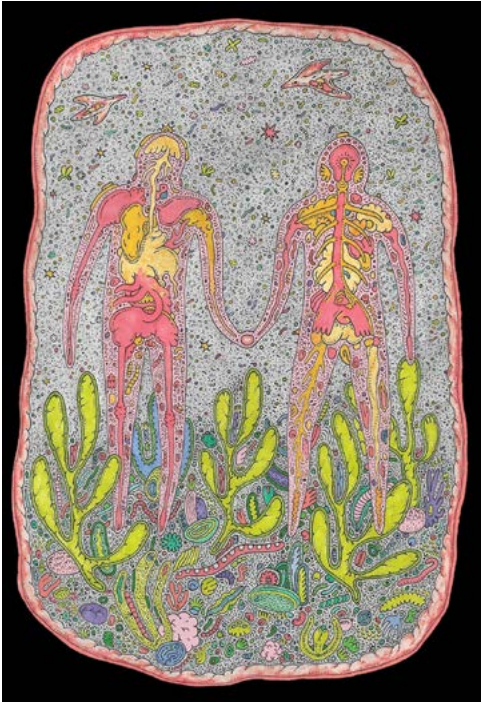
TUNGA, *Xifópagas Capilares Entre Nós*, 1984.
Direção: Evandro Salles; Fotografia de vídeo:
Jane Malaquias;
Cortesia do Instituto Tunga.

Uma serpente cósmica trouxe a vida para a Terra. A vida que compartilhamos.



ELISA MENDES, *O Tabaco*, 2019. Marcha das Mulheres Indígenas.

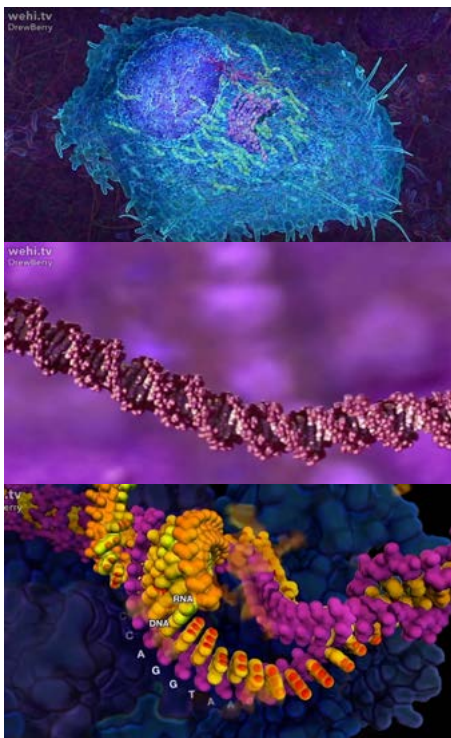
Talvez não seja possível responder às perguntas: Quem somos e de onde viemos? Mas podemos partir de uma outra pergunta: o que somos?



LUA KALI, *sem título*, 2020.

“O ser humano é uma galáxia ambulante de sistemas celulares”

Essa frase é de Antonio Donato Nobre, um maravilhoso cientista e ativista. Seu foco principal de estudo é a Amazônia e os rios voadores.



DNA ANIMATIONS
by Drew Berry, Wehi.TV.

O corpo humano é formado por 37,2 trilhões de células. Cada célula tem um DNA.

O DNA é formado por uma dupla-hélice de proteínas, fitas que parecem duas serpentes entrelaçadas.

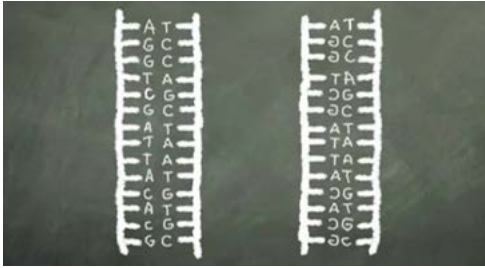
O DNA tem dois metros de comprimento, que ficam enrolados em si mesmos.

Se juntarmos todo o DNA do corpo humano, somariam 25 viagens de ida e volta entre Saturno e o Sol.

Essa torção sobre si mesmo é resultado da sua interação com a água dentro de cada célula.

O DNA evita a umidade da água.

Olhe para a forma. Conheça seu conteúdo. Cada serpente, ou fita, tem uma sequência de compostos orgânicos que formam um texto de quatro letras.



DNA – Chalk Talk,
[National Science Foundation](#).

Uma dessas fitas é o texto. A outra é a chave do texto exatamente em sentido oposto. Esse texto escreve como é cada forma de vida.



A bactéria, o peixe, o tiranossauro, a onça, a goiabeira, o gato, a formiga, o inseto, a rosa, o jacaré, a capivara, o cachorro, todo ser tem

DNA formado pelas mesmas letras, só que com textos diferentes.

O DNA transporta a informação genética dos ancestrais a seus descendentes.

WILAM GUAJAJARA, *Desenhos*, 2021.
 Edição e oficinas Wilam e Prili e Tapixi e Sallisa e Mayara e Stefane.

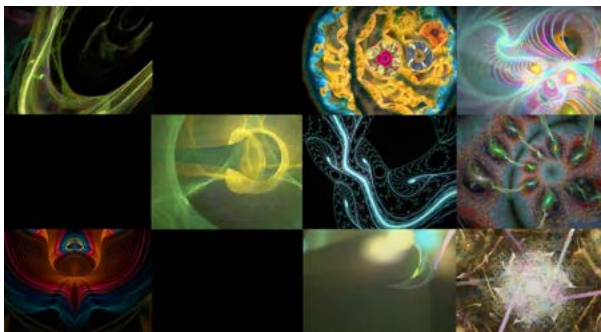


JANGARH SINGH SHYAM,
Yellow Bird, 1992.
Deer/Antler, 1990

[Fondation Cartier pour l'art contemporain.](#)

Foto: André Morin

Incontáveis serpentes duplas estão dentro de cada ser vivo.



[Arquivo](#) flock 244 com Electric Sheep.

Essas serpentes são luminescentes.

Elas emitem uma luz que parece um *laser* ultrafraco, uma holografia. Elas se acendem. O DNA é uma fonte de emissão de biofótons, partícula iluminada produzida pela vida.

Através dos biofótons, as células se comunicam dentro do mesmo organismo ou entre organismos diferentes.



Kundalini e Chakras,
autores desconhecidos.

A luz é uma das maiores energias que movem o mundo.

Os biofótons são a luz das células.



NASA, [Ocean Worlds: the Search for Life](#).

Era um oceano bem inóspito para a vida onde veio parar a canoa cobra.

Sua chegada transformou o que ainda não era vivo na biosfera, o organismo que chamamos Gaia ou planeta Terra.

Não importa se a serpente veio do céu ou se aconteceu “ao acaso” num Lago de Leite.



LOUISE BOURGEOIS,
Umbilical Cord, 2000. State VI of IX, State VIII of IX, variant (not numbered).

[MoMA](#)

Do cosmos ou de outra dimensão, a serpente mestre da transformação chegou na terra e aqui está.



A narrativa sobre sua chegada está em mitos de origem de diversas culturas no mundo.

Pinturas Rupestres de Serranía de la Lindosa,
Colômbia.

Imagens cedidas por Judith Trujillo Téllez,
do Grupo de Investigación de Arte Rupestre

[GIPRI](#)



DEUSIMAR SENA ISAKA, Yube Nawa Aibu,
aldeia Sacado (coleção MAR)



EDILENE YAKA, Yube Nawa Aibu,
aldeia Xico Kurumim (coleção particular)



ISAKA MENEGILDO HUNI KUÏ, Yube Inu Dua Busê,
aldeia Boa Vista (coleção particular)



IRAN PINHEIRO SALES BANE, Siriani,
aldeia Altamira (coleção MAR)



TATULINO MACÁRIO KAXINAWÁ IXÃ,
Yube Inu Dua Busê, aldeia Flor da Mata
(coleção MAR)

Contam os Huni Kuï que Yube Aibu, a mulher jiboia, vivia no fundo das águas do igarapé, e foi através dela que Dua Busê se tornou as plantas que fazem a ayahuasca. Yube, a jiboia, ensinou os Huni Kuï a cantar, tecer, desenhar e curar.



[Dresden Codex Image](#)

Quetzacoatl, entre os nahuas, é a serpente emplumada presente na criação, divindade que entre o povo Maia é chamada de Gucumatz. A deusa Maia IxChel, associada à Lua e às águas, é uma mulher ora jovem, ora velha com uma serpente na cabeça.



ROOSEVELT, THEODORE, Theodore Roosevelt Association Collection.
Dança Hopi para Theodore Roosevelt em Walpi, Arizona, 1913.

[Library of Congress](#)

Baholinkonga, gigantesca serpente emplumada, dona das águas, está na origem do povo Hopi, a quem dedicam rituais.



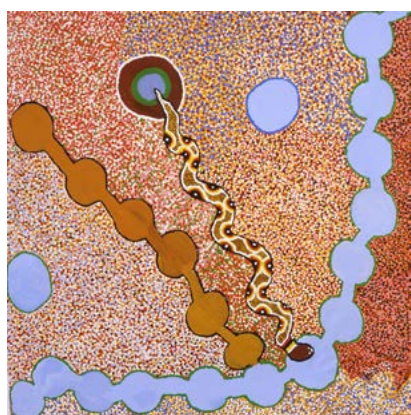
[TAS visuals](#), *Shipibo fire*.
(grafismos Shipibo)

Para os Shipibo, Ronin é a serpente cósmica, dona do Universo, associada às águas do rio.



PABLO AMARINGO,
Ayahuasca visions: The Three Powers, 1986.
 Guache sobre papel.
 Cortesia de Luis Eduardo Luna.

Em quechua, Yakumama, é a serpente mãe da águas; Shamamama, a anaconda que domina a floresta; e Huairamama é uma cobra que move os ventos e vem do espaço sideral.



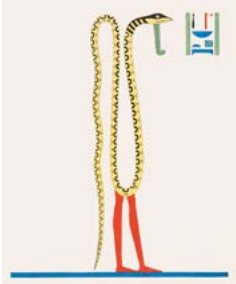
DAISY KUNGAH, BILLILUNA,
Cratera antiga e buracos de água.
 Cortesia da Universidade da Pensilvânia,
 Museum of Archaeology & Anthropology.

Na Austrália, em Uluru, conhecida como Rocha de Ayer, há vestígios das batalhas do povo serpente. A Serpente Arco-íris, para os povos aborígenes da Austrália, é associada às águas e ao quartzo que refrata a luz em cores. Para os Jaru, ela veio do céu no lugar chamado Kandimalal, uma enorme cratera feita por um meteoro.



PETER PAUL RUBENS
 JAN BRUEGHEL O VELHO,
O Paraíso Terrestre
com a Queda de Adão e Eva,
 1615, Mauritshuis Museum.

Na tradição judaico-cristã, a serpente é a portadora da maçã que transforma Adão e Eva no casal originário da vida na Terra.



LÉON JEAN JOSEPH DUBOIS,
Panthéon Egyptien, 1823-1825.
[Rawpixel](#)



Ouroboros



Zeus contra Tifon, de J. Campbell (1964, p. 23),
Londres, Arkana, Penguin Books.

Já os egípcios consagram os mortos em suas tumbas às serpentes. Deidades serpentina foram amplamente reconhecidas às margens do rio Nilo: Ureaus, deusa serpente que envolve o Sol e Nehebkau, serpente primordial que protege as outras esferas além da vida.

Ouroboros (termo grego que, na realidade, vem do Egito) é uma serpente que come seu próprio rabo em eterno ciclo de nascimento, morte e renascimento.

Na mitologia grega, Tífon, uma serpente gigante e tempestuosa, é filho da deusa Gaia, personificação da Terra e de Tartárus, o inferno.



Kun Peng

Zhuangzi, um dos textos fundamentais do taoísmo, conta sobre Kun, um peixe tão extenso, com milhares de metros, que se transforma em Peng, um pássaro mítico.



Vishnu e Shesha

Na Índia, Shesha, serpente rainha de todas as águas, é a força que cria, envolve a vida e continua quando ela não mais existe.

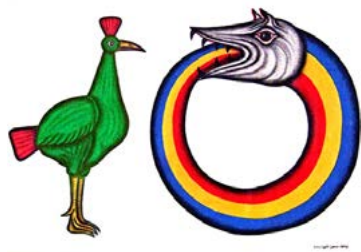


Ouroboros: disco de bronze, arte do Benin, publicada em J. Chevalier e A. Gheerbrant (1982, p. 716) Paris, Robert Laffont.

No Benin, está em um disco de bronze ao redor de toda a Terra.



É também Dan, no reino de Daomé,



CYPRIEN TOKOUDAGBA,
Houéda vodoun dangbé, 2007.
Dan Aydo Houédo, 2008.
Cortesia da Galerie Degbomey.



e Oxumaré, orixá do movimento contínuo.

ALEXANDRE VOGLER,
sem título, 2020.

A serpente está em braceletes, tecelagens, cerâmicas, pinturas rupestres, diademas de variadas culturas na Terra.



MESTRE DIDI,
[Ejo Orun Ori Pupa](#).
(Serpente Mística da Cabeça Vermelha), dec. de 80.
Foto: Andrew Kemp.



Pulseira Espiralada com cabeças de serpentes.
Sicília, Itália, cerca de 500 a.C.
[The J. Paul Getty Museum, LA.](#)



Cerâmica Marajoara.
Vaso Igaçaba Cobra.
[Arte Marajoara](#)



CARAVAGGIO,
[Medusa](#), 1598.
Galleria Degli Uffizi, Florença.



J. BORGES, *A serpente*.
Imagem cortesia de [Memorial J.Borges](#) & Museu da Xilogravura.



LINCOLN SEITZMAN,
Cesta de Cobra Yokut, 1996.
[Smithsonian American Art Museum](#)



WALKER EVANS,
Cabeça de Serpente ou Crocodilo.
Benin, 1935.
[The J. Paul Getty Museum, LA.](#)



Caduceu de Hermes,
símbolo da medicina.



Arte e Símbolos do oculto.
Imagens do Poder e Sabedoria,
James Wasserman.



Par de braceletes de braço superior sob a forma de uma cobra enrolada.
Alexandria, Egito,
cerca de 225-175 a.C.
[The J. Paul Getty Museum, LA.](#)



[Petroglifo na forma de cobra.](#)
Tanun, Suécia.
cerca de 1880-500 a.C.
Foto: Rux – ReadyForTomorrow



AWA TSIREH,
Dança Hopi da Cobra, 1955.
[Smithsonian American Art Museum](#)



FERNANDO LINDOTE,
do que é Impossível conter (depoisantes), 2018.
Foto: Guilherme Ternes.



Um dragão como uma cobra.
From Théroutanne, França,
cerca de 1270.
[The J. Paul Getty Museum, LA](#)



Escultura Caboclo cobra coral,
Atelier REIS.



MODESTO BROCCO,
[A Mandinga](#), (s.d.).



FLÁVIO DE CARVALHO,
Capa do livro Cobra Norato,
Raul Bopp, 1931.



OQWA PI,
Dança Hopi da Cobra,
1920-1925.
[Smithsonian American Art Museum](#)



Máscara, artista Guro,
Costa do Marfim,
metade do século XX.
[National Museum of African Art; Smithsonian Institution](#)
Foto: Franko Khoury.



Pirâmides de San Juan Teotihuacán.
[1937. Smithsonian Institution](#)



Serpente vermelha.
[Tzolkin](#)



[Old Classic Retro Gaming](#)



GILVAN SAMICO,
Via Láctea – Constelação da serpente,
2005.
Cortesia [Galeria Estação](#)
Foto: João Liberato.



Desenho de LÍVIA SERRI FRANCOIO

Incontáveis serpentes duplas estão dentro de cada ser vivo, imersas no ambiente líquido de cada célula.

A água dentro de cada célula tem a mesma composição da água do mar.

Duas serpentes luminescentes dançam numa porção de água do mar e viajam desde o princípio dos tempos por dentro de nossos corpos.

A vida é transformação.

O futuro é ancestral.

BIOS:

YEBÁ BURÓ

Ela apareceu por si mesma na escuridão de antes de o mundo existir. É a “Avó do Mundo”, ou também “Avó da Terra”.

TORĀMŨ KĒHÍRI (LUIZ GOMES LANA) (1947)

Indígena Desana da região do Alto Rio Negro, Luiz é filho primogênito de *Umusi Pãrõkumu*, Firmiano Arantes Lana, e de Emília Gomes. Com seu pai, ilustrou o livro *Antes o mundo não existia* (Dantes, 2019), narrativas da cosmogonia Desana.

JEREMY NARBY (1959)

É um antropólogo e escritor radicado na Suíça. Estudou história na Universidade de Kent, em Canterbury, e recebeu seu doutorado em antropologia pela Universidade de Stanford. Conviveu com os Ashaninka, na Amazônia peruana, catalogando recursos da floresta para combater sua destruição. É autor do livro *A serpente cósmica: o DNA e a origem do saber* (Dantes, 2018). Ele participou do *Selvagem* em 2018 e 2019.

ÁLVARO TUKANO (1953)

É um dos principais nomes da resistência indígena nas últimas quatro décadas, tendo como base o Alto Rio Negro. Foi um dos idealizadores do projeto Séculos Indígenas no Brasil e é atual diretor do Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília.

AILTON KRENAK (1953)

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

ANNA DANTES (1968)

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo *Huni Kuĩ*, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva. Em 2018, criou o *Selvagem*.

DAIARA TUKANO (1982)

Daiara é filha de Álvaro Tukano. É artista visual, professora e ativista pelos direitos indígenas. É também comunicadora e coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil.

[<https://www.daiaratukano.com/>](https://www.daiaratukano.com/)

SOL LEWITT (1928 – 2007)

Sol, abreviação de Solomon, foi um artista estadunidense conhecido por suas esculturas e murais minimalistas em formas geométricas.

[<https://www.lewittcollection.org/>](https://www.lewittcollection.org/)

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Sol_LeWitt>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sol_LeWitt)

ANTONIO DIAS (1944 – 2018)

Nas palavras de Paulo Herkenhoff, Antonio Dias dialoga com três gerações diferentes da arte brasileira: o modernismo, o neoconcretismo e os artistas dos anos 1970.

[<http://www.antoniodias.com/>](http://www.antoniodias.com/)

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Manuel_Lima_Dias>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Manuel_Lima_Dias)

ANNA MARIA MAIOLINO (1942)

Lançando mão de diversos suportes, como fotografia, pintura, escultura, gravura, *performance* e vídeo, a obra de Maiolino é extensa e múltipla. É uma artista em constante transformação, que assume a identidade brasileira em seu trabalho e está sempre atenta às questões de seu tempo.

[<https://annamariamaiolino.com/menu-amm.html>](https://annamariamaiolino.com/menu-amm.html)

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Anna_Maria_Maiolino>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Anna_Maria_Maiolino)

RIVANE NEUENSCHWANDER (1967)

Artista brasileira contemporânea que entrelaça linguagem, natureza, geografia, sociologia e psicanálise.

[<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19985/rivane-neuenschwander>](https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19985/rivane-neuenschwander)

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rivane_Neuenschwander>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rivane_Neuenschwander)

YAYOI KUSAMA (1929)

Uma trama de pontos coloridos se multiplica por toda a obra de Yayoi Kusama. Esse motivo, que se tornou marca identitária da artista japonesa, revela seu olhar singular sobre o mundo.

<http://yayoi-kusama.jp/e/information/index.html>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Yayoi_Kusama

LEANDRO KATZ (1938)

Artista, escritor e realizador argentino, Katz é conhecido sobretudo por seus filmes e instalações fotográficas, que costumam adotar temáticas latino-americanas.

<http://www.leandrokatz.com/>

https://en.wikipedia.org/wiki/Leandro_Katz

JAIDER ESBELL (1979)

Artista, escritor e produtor cultural indígena da etnia Makuxi. Traçou uma longa e prestigiosa carreira no setor público, mas sempre criando condições ideais para manifestar suas habilidades artísticas, que vêm desde a tenra infância. Após ser indicado ao Prêmio Pipa 2016, Esbell decide dedicar-se exclusivamente à arte.

<http://www.jaideresbell.com.br/site/>

TARSILA DO AMARAL (1886 – 1973)

Tarsila é, sem dúvida, uma das personalidades que mais marcou a vida artística e intelectual do Brasil. Ícone do modernismo brasileiro, a obra de Tarsila se destaca por sua originalidade, pelo contraste audacioso entre formas e cores, pela vegetação exuberante e pela ênfase dada aos corpos.

<http://tarsiladoamaral.com.br/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral

ELISA MENDES (1983)

Elisa experimenta imagem e palavras com trabalhos em fotografia, direção de fotografia, direção audiovisual e poesia.

<https://elisamendes.com/director-dop>

DENILSON BANIWA (1984)

Artista-jaguar do povo indígena Baniwa. Seus trabalhos expressam sua vivência enquanto ser indígena do tempo presente, mesclando referências tradicionais e contemporâneas indígenas com ícones ocidentais para comunicar o pensamento e a luta dos povos originários em diversas linguagens, como canvas, instalações, meios digitais e *performances*.

<https://www.behance.net/denilsonbaniwa>

JONATHAS DE ANDRADE (1982)

Trabalhando com suportes variados, como instalação, fotografia e filme, as obras de Jonathas de Andrade nascem a partir de longos processos de pesquisa e investigação. Ao se colocar em contato direto com questões que lhe são urgentes, o artista alagoano nos leva, através da experiência artística, ao âmago de problemáticas sociais.

<http://www.jonathasdeandrade.com.br/>

TUNGA (1952 – 2016)

Arquiteto de formação, Tunga era apaixonado por alquimia. Suas obras enigmáticas e surrealistas evocam o tempo e a metafísica, o homem e a natureza, o corpo e o olhar. Manifestamente um artista interdisciplinar, Tunga convoca símbolos, mitos e o imaginário para criar novos significados para os diversos materiais e objetos que usa em seus trabalhos.

<https://www.tungaoficial.com.br/pt/>

LUA KALI (1998)

Lua Kali faz pesquisas gráficas investigando sistemas vivos imaginários e interseções entre artes e ciências.

<https://ana-gr-ama.tumblr.co>

ANTONIO NOBRE (1958)

Cientista e ativista. Seu foco principal de estudo é a Amazônia. Já foi pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e atualmente é pesquisador sênior do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).

https://www.youtube.com/watch?v=Nhom_vWVFos&t=2s

WILAM GUAJAJARA (2013)

É do Maranhão, onde cresceu na sua aldeia até os 5 anos. Hoje mora no Rio de Janeiro com sua tia-mãe e artista Tapixi Guajajara. Wilam gosta de desenhar todos os dias.

JANGARH SINGH SHYAM (1962 – 2001)

Talvez o maior representante da arte tribal contemporânea indiana, o trabalho de Jangarh foi fundamental para dar ênfase nacional e internacional a essa corrente artística que, durante muito tempo, foi marginalizada. Em suas obras, o artista retrata um universo animista, onde natureza, animais, humanos e espíritos se misturam para fazer parte de um todo.

<https://www.fondationcartier.com/collection/oeuvres?artistName=jangarh#results>

https://en.wikipedia.org/wiki/Jangarh_Singh_Shyam

LOUISE BOURGEOIS (1911 – 2011)

De extrema singularidade, sua obra atravessa o surrealismo, o expressionismo abstrato e o minimalismo – mas não pertence exatamente a nenhum desses movimentos. Baseado na memória, na emoção, no resgate de lembranças da infância, o trabalho da artista francesa é estruturado por seus próprios sentimentos, que foram recriados e exorcizados em diversos suportes artísticos.

<https://www.moma.org/artists/710>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Louise_Bourgeois

DEUSIMAR SENA ISAKA, EDILENE YAKA, ISAKA MENEGILDO HUNI KUIN, IRAN PINHEIRO SALES BANE, TATULINO MACÁRIO KAXINAWÁ IXÃ

Artistas Huni Kuin. Moram no rio Jordão, na Amazônia acreana. Estes trabalhos foram realizados no âmbito da exposição *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva.

<https://www.itaucultural.org.br/sites/una-shubu-hiwea/>

PABLO AMARINGO (1938 – 2009)

Nascido na Amazônia peruana, Amaringo materializou suas visões de ayahuasca em pinturas que revelam suas visões *espirituais*. Ele percebia suas próprias obras como uma criação sagrada com poderes medicinais. Antes de iniciar sua carreira artística, dedicou-se aos estudos de curandeiro, vocação que emergiu depois de ter se curado sozinho de uma grave condição cardíaca.

[<https://pablo-amaringo.pixels.com/>](https://pablo-amaringo.pixels.com/)

PIETER BRUEGEL, O VELHO (1525 – 1569)

O artista mais significativo da pintura renascentista holandesa e flamenga, pintor e gravador, conhecido por suas paisagens e cenas camponesas (a chamada pintura de gênero).

[<https://www.metmuseum.org/toah/hd/brue/hd_brue.htm>](https://www.metmuseum.org/toah/hd/brue/hd_brue.htm)

PETER PAUL RUBENS (1577 – 1640)

Importante pintor flamengo cujo estilo barroco era caracterizado pela ênfase nos movimentos, nas cores e na sensualidade. Artista extremamente produtivo, suas grandiosas obras eram encomendadas com frequência por diversos nobres de seu tempo, como a rainha francesa Maria de Médici.

[<https://www.peterpaulrubens.org/>](https://www.peterpaulrubens.org/)

CYPRIEN TOKOUDAGBA (1939 – 2012)

Artista autodidata, começou sua carreira artística pintando os muros da sua vizinhança em Abomey, no Benin. Seu trabalho atraiu líderes voduns, que chamaram Tokoudagba para adornar seus templos. Segundo ele, essa ocasião foi um caminho sem volta para sua iniciação espiritual. Suas criações evocam reis e deuses, transparecendo seu interesse pela história e religiões de seu país.

[<http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/bevilacqua-j-r-exposi%C3%A7%C3%A3o-cyprien-tokoudagba2012.pdf?sfvrsn=0>](http://www.museuafrobrasil.org.br/docs/default-source/publica%C3%A7%C3%B5es/bevilacqua-j-r-exposi%C3%A7%C3%A3o-cyprien-tokoudagba2012.pdf?sfvrsn=0)

[<http://www.galeriedegbomey.com/cyprien-tokoudagba.html>](http://www.galeriedegbomey.com/cyprien-tokoudagba.html)

ALEXANDRE VOGLER (1973)

Autor de obras provocativas, este artista plástico carioca evoca o espaço público como lugar de expressão e a cidade como campo de experiências. Suas intervenções buscam questionar e alterar a paisagem urbana. Vogler usa códigos sociais de forma a colocá-los em situação de desajuste, em um trabalho bastante permeado pelas relações de poder e pela periferia.

[<http://www.alexandrevogler.com.br/>](http://www.alexandrevogler.com.br/)

CARAVAGGIO (1571 – 1610)

Através do realismo presente em suas telas e pela maneira como fazia uso de luzes e sombras, Caravaggio revolucionou a arte do século XVII. Sua representação inovadora de cenas religiosas provocou diversos escândalos, mas tal repercussão não impediu que se tornasse um dos mais célebres artistas italianos de todos os tempos. Sua obra marca o início da pintura moderna.

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio>](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caravaggio)

J. BORGES (1935)

Artista, cordelista e poeta, começou a escrever cordéis ainda na adolescência. Na falta de recursos para contratar um ilustrador, começa ele mesmo a produzir as xilogravuras que acompanham suas publicações. É reconhecido internacionalmente por suas xilogravuras, cujas temáticas estão sempre relacionadas ao povo nordestino.

[<https://pt.wikipedia.org/wiki/J._Borges>](https://pt.wikipedia.org/wiki/J._Borges)

[<http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre>](http://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt-BR/mestres/j-borges-mestre/mestre)

FERNANDO LINDOTE (1960)

A produção artística de Lindote é prolífica e diversa, desdobrando-se por diferentes linguagens: *performance*, vídeo, fotografia, pintura, desenho, gravura, cerâmica, instalação e escultura. O aspecto multifacetado da trajetória do artista gaúcho se revela também em obras híbridas, que nascem a partir da fusão de dois ou mais suportes. Antes de se dedicar às artes visuais, foi cartunista e chargista diário.

[<https://museudeartedorio.org.br/programacao/fernando-lindote-trair-macunaima-e-avacalhar-o-papagaio/>](https://museudeartedorio.org.br/programacao/fernando-lindote-trair-macunaima-e-avacalhar-o-papagaio/)

MODESTO BROCOS (1852 – 1936)

Espanhol naturalizado brasileiro, foi um pintor, gravador e desenhista. Suas obras costumam retratar cenas típicas de um Brasil pós-abolição, trazendo à tona questões como o embranquecimento da população.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Modesto_Brocos

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21328/modesto-brocos>

GILVAN SAMICO (1928 – 2013)

Samico é um dos maiores representantes da xilogravura brasileira. Os temas retratados em suas obras têm inspiração nas narrativas populares, no folclore nordestino e na literatura de cordel. No entanto, seu trabalho chega a transcender tais temáticas, adquirindo uma dimensão simbólica universal.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilvan_Samico

LOUISE BOTKAY (1978)

Artista visual e cineasta, realiza fotos e filmes usando câmeras de telefone celular, de vídeo e filmes em super 8, 16 e 35 milímetros. Seus filmes, permeados de silêncio e realizados em países como Haiti, Congo, Níger, Chade, Holanda, França e Brasil, abordam o sincretismo cultural no contexto pós-colonial, investigando os modos de desvelamento do visível pelo dispositivo fílmico.

<http://site.videobrasil.org.br/acervo/artistas/artista/1799669>

<https://vimeo.com/louisebotkay>

FICHA TÉCNICA

IDEIA ORIGINAL E NARRAÇÃO Ailton Krenak
DIREÇÃO, ROTEIRO E PESQUISA Anna Dantes
PRODUÇÃO Madeleine Deschamps
EDIÇÃO DA FLECHA AUDIOVISUAL Elisa Mendes
ANIMAÇÕES Lívia Serri Francoio
TRILHA SONORA Gilberto Monte e Lucas Santtana
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO Victoria Mouawad
CONSULTORIA DE ACERVO Paulo Herkenhoff
COMUNICAÇÃO Bruna Aieta, Daniela Ruiz, Christine
Keller, Cris Muniz Araujo, Laís Furtado e Natália Amarinho
(Comunidade Selvagem)

AGRADECIMENTOS

ABLC – Academia Brasileira de Literatura de Cordel – Luana Regnicoli
Ana Maria Maiolino
Antonio Donato Nobre
Antonio Guillon
Alexandre Vogler
Álvaro Tukano
André Morin
AXS Studio – Sonya Amin
Bel Lobo
Bourgeois Studio – Maggie Wright
Biovisions at Harvard University – Alain Viel
Carolina Comandulli
Coleção MAR – Museu de Arte do Rio / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro / Fundo Z
Conservação Internacional – Brasil
Comunidade Selvagem
CURA – Circuito Urbano de Arte, festival representado pela Pública Agência de Arte – Juliana Mont’Alverne Flores
Daiara Tukano
Denilson Baniwa
Deusimar Sena Isaka
Edilene Yaka Huni Kuin
Eduardo Schenberg
Elisa Mendes
Els Lagrou
Evandro Salles
FEPHAC – Renata Reluz
Fabio Scarano
Fernanda Zerbini
Fernando Lindote e Denise
Fondation Cartier pour l’art contemporain – Clémentine Dumont e Cécile Provost
Frances Reynolds

Grupo de Investigación de Arte Rupestre (GIPRI) – Judith Trujillo Téllez
Galeria Estação – Giselli Gumiero
Galeria Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo – Alexandre Gabriel
Galerie Degbomey – Nicolas Dubreuil
Galerie Hervé Perdriolle
Galeria de Arte – Paulo Darzé
Gavião Filmes – Fabio Gavião
Henrique Faria Gallery, NY – Eugenia Sucre
Idjahure Kadiwel
Inaicyra Falcão
Ingrid Kraus
Instituto Clima e Sociedade
Instituto Rã-bugio para Conservação da Biodiversidade – Germano Woehl Jr.
Instituto Tunga – Antônio Mourão
Iran Pinheiro Sales Bane
Isaka Menegildo Huni Kuin
Jaider Esbell
Jaime Diakara
João Paulo Lima Barreto
Jonathas de Andrade
Josué Sampaio Martins Santana
Leandro Katz
Lizete Dias de Oliveira
Louise Botkay
Lua Kali
Lucas Canavarro
Lucas Sampaio Martins Wagner
Luiz Gleiser
Lux Vidal
Luiz Gomes Lana
Luis Eduardo Luna
Luiz Zerbini
MAM Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – Fabio Szwarcwald e Cátia Louredo
Maria Klabin
Marta Fadel
Mauritshuis Museum, The Hague
Memorial J.Borges & Museu da Xilogravura – Edna S.
MoMA – Jay Levenson
National Museum of American History – Smithsonian Institution – Kay Peterson
National Museum of African Art – Smithsonian Institution – Haley Steinhilber
National Science Foundation – Koorosh Farchadi
Olav Lorentzen
Old classic retro gaming – Georg
Ota Fine Arts – Yoriko Tsuruta
Philipp Larratt-Smith
Poultry Hub Australia – Hailey Cameron
PRILI e Wilam Guajajara
Rara Dias
Rivane Neuenschwander
Rodrigo Fiães

RTE Television Archives – Hilary Paolozzi
Sâmia Rios
Scala Archives – Elvira Allocati
Sébastien Prat
Stephen Friedman Gallery, London – David Hubbard
Smithsonian American Art Museum – Richard Sorensen
Tarsila do Amaral Licenciamento – Luciana Freire Rangel
Tatulino Macário Kaxinawá Ixã
TAS Visuals – Georg
The Library of Congress
University of Pennsylvania Museum of Archaeology & Anthropology – Alessandro Pezzati
WEHI. TV – Drew Berry



LOUISE BOTKAY

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

